Uma Defesa Perenialista dos Mitos dos Ancestrais: O Deus Trino e a História das Raças

O perenialismo, conforme articulado por pensadores como René Guénon, Frithjof Schuon e Julius Evola, propõe a existência de uma Verdade única e universal que fundamenta todas as religiões e tradições espirituais. Esta perspectiva esclarece como os **mitos ancestrais**, tanto bíblicos quanto pagãos, convergem para uma compreensão do Deus Triuno, manifestado plenamente em Cristo. Símbolos e narrativas de diversas culturas, especialmente as indo-europeias, apontam para essa realidade primordial, revelando um conhecimento arcaico que antecede as formulações dogmáticas. Adicionalmente, todos os cosmos provieram de uma origem em comum, o Uno no neoplatonismo, ou como concebido pelo perenialismo, um princípio primordial do qual tudo anteveio e para o qual tudo deverá retornar. É por essa razão que "todos os povos lhe adorarão" e a multidão vista em Apocalipse, como em Apocalipse 7:9-10, que descreve uma vasta multidão de todas as nações, tribos, povos e línguas, adorando a Deus. Este é o Deus Triuno, o princípio e o fim de todas as coisas.

A Revelação Antes da Religião

Segundo a tradição cristã ortodoxa, a revelação de Deus em Jesus Cristo é definitiva, absoluta e insuperável. No entanto, essa revelação não começa com a encarnação do Logos, mas com o próprio ato criador, quando o Verbo eterno modela o mundo e imprime nele sua ordem, beleza e estrutura trinitária. A história humana inteira é, portanto, uma história de revelação — e não apenas a partir do advento bíblico ou do surgimento da religião formal. Deus sempre se manifestou ao homem, e todos os povos, em todas as eras, receberam algum grau de conhecimento divino.
É isso que afirma o **perenialismo cristão**: que existe uma tradição primordial, revelada e sapiencial, presente nas culturas e mitos do mundo, que prefiguram e ecoam, ainda que de forma velada, a Verdade plena manifestada em Cristo. A este fenômeno, a Bíblia se refere como *semen Verbi* (sementes do Verbo), e o autor Don Richardson chama de o “Fator Melquisedeque” — ou seja, a presença de sacerdotes da ordem divina em povos não-israelitas, que já conheciam e serviam o Deus Altíssimo antes da revelação mosaica ou cristã formal.
Este ensaio explora a presença dessa revelação perene nas estruturas simbólicas e míticas das culturas indo-europeias, em especial através de símbolos sagrados que, longe de serem meros signos culturais, são **epifanias naturais do Logos** — formas que revelam o eterno, prefigurando o mistério cristão da Cruz, da Trindade, da Imortalidade e da Hierarquia celeste.

A Origem das Raças e a Queda: Uma Perspectiva Perenialista

A poligenia afirma que as raças não se originaram de um único par Adâmico, mas de múltiplas fontes, todas, no entanto, criadas por um mesmo Deus. A criação de Adam (אָדָם no hebraico

original, que significa "homem" ou "humanidade", mas também intimamente ligado a *adamah* אֲדָמָה, "terra" ou "solo vermelho") da "terra" ressalta a constatação de que toda a carne foi criada do barro primordial, um tema recorrente em diversos mitos de criação, como o mito egípcio de Khnum moldando humanos no torno de oleiro, ou a narrativa mesopotâmica de Enki e Ninhursag criando humanos a partir do barro. Neste contexto, as **raças arianas** são apresentadas como as que mantiveram a pureza após cataclismos globais. É imperativo compreender que o materialismo e a degeneração ocorreram antes dos eventos cataclismicos, impulsionados pela degeneração sexual e espiritual, bem como pela miscigenação que assolou essas antigas cidades. A lendária Lemúria foi destruída por vulcões, enquanto Atlântida sucumbiu a um dilúvio, e desastres de magnitude global atingiram todo o mundo. As demais raças degeneradas (as quais eram árias antes de suas quedas), como mongoloides e negroides, e demais sub-raças, sobreviveram, com algumas buscando refúgio em cavernas e outras em altos montes.

A lenda de **Agartha** surge como um refúgio para os arianos que preservaram o conhecimento oculto solar, sendo esta, talvez, a verdadeira "Arca" bíblica. Contrasta-se com Shambhala, apontada como a capital religiosa e centro da Ordem de Melquisedeque, de onde teriam vindo os hebreus mais puros, por meio da união à linhagem de Arfaxade e eventualmente Éber, pai dos Hebreus. Quando a arca é citada, é relevante notar os mitos universais de arcas e dilúvios que justificam sua ocorrência, como o Épico de Gilgamesh com Utnapishtim, a história de Deucalião na mitologia grega, e a lenda hindu de Vaivasvata Manu, que narra a sobrevivência da humanidade através de um peixe divino que o orienta a construir um barco para escapar do dilúvio, todos narrando a sobrevivência de um grupo selecionado a uma grande inundação.

Os **Nefilins**, por sua vez, são associados a um DNA demoníaco. A **higiene racial bíblica** é interpretada como uma medida essencial para evitar a miscigenação com essas linhagens impuras, especialmente os Cananeus, remanescentes dos Nefilins em Canaã. Passagens como Esdras 9:2, que adverte contra a mistura com os povos da terra, são usadas para defender a manutenção de uma "linhagem santa", que na perspectiva da teoria da "Serpent's Seed" (Semente da Serpente), é interpretada como a existência de uma linhagem divina e uma linhagem da Serpente, traçando a origem da "linhagem santa" a Deus e a outra a Satanás.

Essa "higiene racial" bíblica pode ser elaborada através de episódios como a eliminação dos levitas infiéis no deserto (Êxodo 32:25-29), as pragas que atingiram os israelitas por sua desobediência (Números 25:9), casos de autocombustão como a de Nadabe e Abiú (Levítico 10:1-2), a terra engolindo Corá e seus seguidores (Números 16:31-33), serpentes venenosas picando o povo murmurador (Números 21:6), o extermínio de pecadores durante o êxodo (Números 14:29-30), e os quarenta anos de peregrinação no deserto, que serviram para purificar e eliminar uma geração desobediente (Números 32:13). Essas passagens são usadas para justificar a necessidade de pureza e purificação. Dentro dessa visão, a linhagem degenerada segue um trajeto que se inicia com Satanás e a Serpente, passando por Caim, Canaã, Quedar, Edom, e culminando nos Judeus Modernos (dos dias do Império Romano até hoje). Em contraste, a linhagem divina é traçada de Deus para Adão, Sete, Noé (identificado com Vaivasvata Manu), Sem, Arfaxade, integração à linhagem de Melquisedeque, Éber, Pelegue, Abraão, Isaque, Jacó, Judá, Davi, a Santa Virgem Maria, e finalmente Iēsous Khristos, todos Arianos puros.

Quanto à **Torre de Babel**, seu nome no original hebraico, Babel, está etimologicamente ligado a *balal* (בלל), que significa "confusão", remetendo à confusão de línguas e, por extensão, à miscigenação e à perda de identidades raciais puras. Em outras línguas, especialmente as mais arcaicas como o sumério, Babel pode ser interpretada como "portal de Deus" ou até mesmo "Deus negro", simbolizando um "portal negro" – um local de práticas de magia negra

remanescente da Atlântida, associado ao globalismo, materialismo e, novamente, à miscigenação. Essa torre é vista como um símbolo dos degenerados sobreviventes do cataclismo atlante, que tentaram retomar o poder e o conhecimento perdido de Atlântida. O mito de Atlântida, por sua vez, ecoa em mitos mesoamericanos, como a lenda da construção da pirâmide de Cholula, que, de acordo com as narrativas indígenas, foi erguida por gigantes em um tempo primordial, refletindo a memória de uma civilização avançada destruída.

O Fator Melquisedeque: Cristo Revelado Entre as Nações

A visão apresentada desvincula Javé do judaísmo exclusivo, afirmando que Ele é o Deus Criador, presente em inúmeras tradições ancestrais antes de ser associado especificamente aos hebreus. Javé é o "mais entre os Elohim" (espíritos/deuses), exigindo adoração exclusiva, enquanto os demais deuses pagãos seriam outros Elohim aos quais os povos se desviaram de Sua adoração.
Em *O Fator Melquisedeque*, Don Richardson documenta diversos casos etnográficos de povos ditos “pagãos” que, muito antes de qualquer contato com missionários, já possuíam doutrinas, mitos e práticas monoteístas ou proto-cristãs, como nomes antigos para Deus como “Criador dos Céus” ou “Pai dos Espíritos”, mesmo entre povos tribais; a expectativa messiânica ou a noção de sacrifício vicário, como entre os Karen da Birmânia ou os Santal da Índia; e sistemas tribais como os de Melquisedeque, que servem ao “Deus Altíssimo” mesmo fora da revelação israelita (cf. Gênesis 14). A tese do livro é clara: Deus, por meio da revelação geral e do Espírito de Verdade, já havia semeado entre os povos a expectativa do Cristo, de forma não derivada, mas originária, provando que o conhecimento de Deus é universal e anterior às religiões formais. Assim como Jó e Melquisedeque serviam a Deus sem a Lei mosaica, povos antigos tinham acesso à verdade espiritual de forma incompleta, mas real.
Este princípio se aplica não só a crenças, mas também aos símbolos universais.

O Deus de Todos os Povos: Javé, Elohim e o Cristo Pré-Existente

A figura de **Odin** é aqui diretamente identificada com Cristo. A narrativa de Odin pendurado em uma árvore para adquirir conhecimento oculto é um paralelo direto à crucificação de Jesus, onde Ele "se pendurou em um madeiro para adquirir o conhecimento oculto da vitória sobre a morte". Essa conexão sugere que a revelação do Cristo não foi exclusiva dos hebreus, mas manifestou-se de diversas formas a todos os povos, que já possuíam um conhecimento ancestral d’Aquele que viria.
O **sacerdócio de Melquisedeque** é crucial nesta cosmovisão, sendo apresentado como uma ordem sacerdotal suprema que se revelou a povos primitivos em diversas culturas, prefigurando o Cristo. Abraão é visto como ariano e sua linhagem, através de Arfaxade, sua integração com os iniciados de Shambhala, seria a responsável por preservar uma fé genuína, aliança e lealdade ao Deus Altíssimo, pois deles viria o Cristo.
Arfaxade (em hebraico, *'Arpakšāḏ*, significando "eu serei curado" ou "eu serei purificado") é destacado como o ancestral que integrou sua linhagem com a de Melquisedeque, mesmo já sendo Ariano, por meio de casamentos mistos e a adoção do Deus Triuno — o sacerdócio solar de Melquisedeque. Essa união cumpriria a profecia de que Deus seria o Deus de Sem, como

está escrito em Gênesis 9:26: "Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem…", assim sendo a promessa messiânica por meio dos Hebreus. **Éber** (em hebraico, *'Ēber*, significando "do outro lado" ou "passagem") é visto como o guardião da pureza racial e espiritual perante a miscigenação de Babel, garantindo a preservação da linhagem ariana de Melquisedeque, ou seja, aquele que atravessou a confusão de Babel, garantindo pureza em meio ao caos. Já **Pelegue** (em hebraico, *Peleg*, significando "divisão" ou "riacho"), cujo nome alude à divisão da terra em seus dias, é interpretado como aquele que ativamente segregou sua linhagem para evitar mais miscigenação, assegurando assim a pureza da descendência que levaria ao Cristo. A história do povo hebreu é, portanto, interpretada como um processo de degeneração e purificação divina para que Cristo pudesse nascer de uma linhagem pura e ariana.
Deus não revelou a realidade sobre as raças por alguns motivos cruciais. Primeiramente, este é um conhecimento oculto solar, destinado a iniciados no Iluminismo obscuro do sol negro. Em segundo lugar, se Deus o tivesse feito, a fé se basearia em higiene racial, levando a ondas infinitas de genocídios. Terceiro, e talvez o mais importante, mesmo que mais difícil, ainda há salvação para outras raças degeneradas; mesmo sem o espírito ariano, elas podem ser salvas, afinal mesmo degeneradas, são criaturas do mesmo Deus.

Definições e Linhagens:

- **Hebreus:** Descendentes de Éber e Abraão.
- **Judeus:** Um termo moderno para um povo que afirma ser herdeiro dos Judeus após eras de exílio.
- **Israelita:** Todos aqueles que confessam fé em Cristo, o Verdadeiro Israel de Deus.
- **Judaíta:** Descendentes das tribos de Judá, Benjamim e uma parte de Levi, que viviam no reino sul de Judá.
- **Judaiano:** Termo clássico usado para aqueles que são cultural e religiosamente judeus.
- **Samaritanos:** Descendentes de Efraim, Manassés e Levi, que se miscigenaram com os assírios após a conquista do Reino do Norte.
- **10 Tribos Perdidas:** As outras tribos que foram exiladas na conquista assíria do Reino do Norte de Israel.
- **Israelense:** Pessoas que vivem no estado moderno de Israel.

Negroides seriam lemurianos degenerados, sobreviventes do cataclismo, antes arianos, igual às demais sub-raças e mongoloides, mas posteriormente degenerados por meio de miscigenação e magia negra. Eu creio na poligenia, então eles não são só uma degeneração da terceira raça raiz (que seria a primeira que existe em matéria), de onde todas as demais vêm, mas sim uma degeneração de uma das raças Hiperbóreas que haviam colonizado o mundo nos tempos de Lemúria e Atlântida, provavelmente após experienciar algum cataclismo que fez Thule descer até Argatha (provavelmente a queda citada em várias tradições, a entrada do mal, materialismo no mundo), que levou uma era glacial sob Hiperbórea, provavelmente teve relação com a divisão entre iniciados da mão esquerda (dark vril), contrastando com os da mão direita (vril). Quando a Bíblia diz: "todos vieram de Adão" quer dizer que toda carne foi criada da terra (Adão significa terra), e muitos outros mitos dizem isso. Então sim, houve várias raças Árias, mas somente os atuais arianos são os que permaneceram puros após o cataclismo. As demais raças (mongoloide e outras sub-raças e negroides como já disse) são todos ex-espécies árias criadas por Deus que sobreviveram ao cataclismo global que destruiu Atlântida e Lemúria (principais centros de degeneração), mas não possuem mais o espírito ariano. Teriam sobrevivido se refugiando nos picos ou em cavernas, ou seja, por puro acaso.

Mas já os arianos que mantiveram o conhecimento oculto solar, teriam achado os caminhos ancestrais para Argatha (que seria a arca tratada no mito bíblico) e assim sobrevivido à catástrofe.
Já, Sem, Cam e Jafé seriam a representação de três clãs que surgiram dos demais arianos sobreviventes:

- **Cam:** Egípcios e Cuxitas (Etíopes) quando ainda eram todos arianos.
- **Sem:** Hebreus e muitos povos do Oriente Próximo, eram arianos também.
- **Jafé:** Indo-Europeus, muitos arianos até hoje.

Basicamente o Oriente Próximo e os semitas se corromperam pelos mongoloides, e os camitas pelos subsaarianos (negroides).
Já Cam haveria sido amaldiçoado pois teria miscigenado e integrado-se as práticas de povos sub-humanos degenerados, levando assim a ter "conhecido a nudez de seu pai", em outras palavras, o estuprado enquanto estava bêbado, e devido a isso fora amaldiçoado, no nome de seu filho miscigenado, Canaã, o qual futuramente seria alvo de extermínio racial pelos Hebreus ários, devido a sua grande degeneração racial e sangue de Nefilim/Reptiliano.

Símbolos Ancestrais e o Deus Trino

Diversos símbolos pagãos, especialmente os indo-europeus, são interpretados como alusões arcaicas ao Deus Triuno.
A **Cruz Solar**, presente na arte megalítica europeia, egípcia, hitita e nórdica, representa desde os tempos primordiais a união entre os eixos do mundo: vertical (céu-terra) e horizontal (espaço-tempo). O círculo que a envolve representa a eternidade, o sol, a roda cósmica. No cristianismo, a cruz torna-se o trono do Cordeiro, onde o Verbo assume o tempo, o espaço e o sofrimento, reconciliando todas as coisas, céu e terra. Quando os cristãos celtas adotam a cruz solar em suas "high crosses", não reinterpretam um símbolo pagão, mas reconhecem ali uma verdade já semeada pelo Logos no espírito dos antigos: que o Deus verdadeiro morreria e venceria na árvore cósmica, restaurando a ordem universal. A Cruz Solar, portanto, não foi apropriada, mas cumprida.
O **Triskelion** (espiral tripla), presente desde o Neolítico (em Newgrange, Irlanda, ~3200 a.C.), simboliza os ciclos trinitários da realidade: nascimento, vida, morte; céu, terra, mar; espírito, alma, corpo. Já a Triquetra, encontrada em pedras nórdicas e cerâmicas proto-anatólicas, expressa a Unidade em Três — uma intuição do mistério da Trindade. Esses símbolos foram posteriormente utilizados na arte cristã (como no Livro de Kells) para ilustrar o Deus Triuno. Mas sua origem é anterior ao cristianismo histórico, revelando uma sabedoria perene plantada nos povos. O Espírito de Deus, pairando sobre as águas da criação (Gênesis 1), já semeava nos povos a consciência do Uno-Múltiplo, preparando os gentios para a aceitação do mistério trinitário. Não se trata, pois, de sincretismo ou adaptação, mas de reconhecimento de que Deus já estava presente — revelando-se — em culturas anteriores à revelação bíblica completa.
A **Suástica** (ou Fylfot), símbolo solar encontrado em culturas indo-europeias, iranianas, tibetanas e até indígenas americanas, representa o sol em movimento, os ciclos do tempo, a vitória da luz sobre as trevas. Sua forma em rotação indica o dinamismo criador do Logos, que move o cosmos sem cessar. Na arte cristã insular (especialmente anglo-saxã e germânica), a suástica reaparece como ornamento de templos e manuscritos, sem qualquer conotação negativa. Por quê? Porque se reconhecia nesse sinal a mesma luz que se fez carne em Cristo — o Sol Invictus verdadeiro, o "Sol da Justiça" (Malaquias 4:2). A luz que gira é a luz do Logos, que "ilumina todo homem" (João 1:9). Assim, mesmo a suástica, é em sua origem um eco da

Luz verdadeira que viria ao mundo.
A **Runa Algiz**, em forma de um homem com os braços estendidos para o alto (ᛉ), é um símbolo ancestral da proteção divina, da ligação com o sagrado e da elevação espiritual. É associada também à árvore da vida (Yggdrasil), ao cervo (símbolo de vigilância) e à conexão entre o mundo inferior e superior. No cristianismo insular e germânico, essa runa foi reinterpretada como sinal de ressurreição e adoração, aparecendo invertida como a “cruz da morte” e erguida como a vitória da alma glorificada. O símbolo da paz moderno (☮), invertendo essa runa, expressa sem saber a queda espiritual do homem desligado do céu. Mas na visão perene, a Algiz erguida é o homem transfigurado, o novo Adão, o Cristo glorificado com os braços estendidos em sua glorificação em Seu crucifixo. A árvore da vida se cumpre na Cruz; o cervo vigilante é o justo que anseia por Deus (Salmos 42:1); e o caminho vertical é o da ascensão, de Cristo em sua humanidade ascendido a destra de Deus Pai, e por meio de suas vitória, a *theosis* do homem.
Esses símbolos, juntamente com mitos de cataclismos globais (como o dilúvio), a origem do mal, e a criação das raças e do homem e mulher (onde "todos vieram de Adão" significa que toda a carne foi criada da terra), são vistos como ecos de uma Verdade primordial que se manifesta de forma consistente em diferentes culturas.

Símbolos como Hierofanias, e não Construções Culturais

Todos esses símbolos — cruz solar, triquetra, suástica, algiz — não são meras construções culturais, nem empréstimos adaptativos. Eles são **hierofanias**, manifestações do sagrado na ordem cósmica e cultural. Como afirmou Mircea Eliade, “o sagrado se revela por meio de símbolos que são ontologicamente anteriores à linguagem”.
O cristianismo primitivo, em sua forma ortodoxa e sapiencial, não destruiu os símbolos antigos — mas os reconheceu. Não reinterpretou, mas confirmou. O Logos que criou o mundo também inspirou os arquétipos, as formas, os mitos e os símbolos que povoaram a mente humana desde o Éden. Todos apontavam para Ele. Como diz o próprio Richardson, os missionários devem ser como Paulo no Areópago: não anunciar um “deus novo”, mas o “Deus desconhecido” que eles já adoravam sem saber (Atos 17:23).
Adicionalmente, a Igreja Católica, em sua versão mais universalista, pode ser vista como tendo trabalhado para eliminar a individualidade e o regionalismo dos povos. Ao aceitarem a Cristo, esses povos foram levados a uma uniformização, buscando eliminar a fé no Deus Criador (Deus Desconhecido) já presente em suas culturas, em favor de uma doutrina centralizada que, na visão universalista, por vezes negligenciava as manifestações primordiais da verdade divina já existentes.

Conclusão: Cristo, Alfa e Ômega dos Símbolos e a Revelação Universal

O argumento central é que os mitos ancestrais, sejam eles bíblicos ou pagãos, não devem ser interpretados literalmente, mas como "alusões à verdade". Eles contêm elementos factuais, como a ocorrência de cataclismos globais e a ideia de um criador comum, que transcendem culturas específicas. A Bíblia, assim como outros mitos, oferece uma lente para acessar essa verdade arcaica. A total desvinculação da tradição hebraica como a única fonte da verdade é

defendida, pois se argumenta que antes do catolicismo romano, os povos pagãos convertidos podiam manter seus próprios mitos e peculiaridades, desde que com fé em Cristo. Esta visão perenialista culmina na afirmação de que Jesus é ariano, nascido de uma linhagem pura e com fortes laços com o sacerdócio de Melquisedeque, e que Sua vinda foi profetizada por **Noé**, um ariano iniciado que previu a união da linhagem dos semitas com a ariana para o surgimento do Cristo ("Sem é de Deus, e Jafé habitará as tendas de Sem"). É importante ressaltar que Noé é equiparado a Vaivasvata Manu da mitologia hindu, simbolizando o salvador da humanidade de um grande dilúvio e o progenitor de uma nova era.

A longa longevidade de figuras patriarcais mencionadas em textos antigos, de Sete a Éber, é um ponto que se alinha com a **sabedoria solar iniciática ariana** e os **mitos esotéricos da longevidade ariana**. Acredita-se que as raças arianas, em sua pureza original e conexão com o conhecimento primordial, possuíam uma vitalidade e uma vida útil significativamente maiores do que as raças degeneradas. Essa longevidade não seria meramente física, mas também um reflexo de sua harmonia espiritual e acesso a um conhecimento que lhes permitia manter uma conexão mais profunda com as energias cósmicas e o Logos. A tabela abaixo ilustra a extensão da vida de alguns patriarcas antes do dilúvio, conforme registrado na tradição bíblica, um testemunho de uma era onde a vitalidade primordial ainda não havia sido tão drasticamente diminuída pela degeneração:

Nome do Patriarca	Idade (Anos)
Sete	912
Enos	905
Cainã	910
Maalalel	895
Jared	962
Enoque	365
Metusalém	969
Lameque	777
Noé	950
Sem	600
Arfaxade	438
Salá	433
Éber	464

Essa extraordinária longevidade, que diminui gradualmente após o dilúvio, é vista como um indicativo da pureza e da vitalidade da linhagem ariana original, em contraste com a degeneração das demais raças, e essa vitalidade escoa devido ao esquecimento da sabedoria iniciática ária. Ela ecoa a ideia de que a proximidade com a fonte divina e a manutenção da **pureza racial e espiritual** conferem benefícios que se manifestam até mesmo na extensão da vida. Essa tradição esotérica ariana postula que a longevidade não é apenas uma questão de saúde física, mas de alinhamento com a ordem cósmica e a **luz solar primordial**, conhecimento hoje esquecido.

Cristo é o centro de todos os símbolos. Ele é a cruz do cosmos, o sol da justiça, o Logos que gira nos céus, o Espírito que sopra entre os povos, o Cervo exaltado da alma sedenta, o Três que é Um. As culturas não inventaram esses sinais — elas os receberam. A luz estava no mundo desde o princípio, mas o mundo ainda não a compreendia (João 1:5).

O perenialismo cristão afirma isso com clareza: não há verdade fora de Cristo, mas há vestígios de Cristo fora do cristianismo histórico. Como Melquisedeque, esses sinais e símbolos pagãos testificam que Deus não se deixou sem testemunho, e que a revelação é universal, cósmica e

perene. A cruz já estava gravada nas pedras. A Trindade já se movia nas espirais. O Sol já anunciava o Cordeiro. E os braços do homem já se erguiam, em Algiz, à espera da Redenção.